

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 92

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1905

E' prohibida a reproducção das gravuras e artigos insertos na ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha
Anno..... 8\$000
Semestre..... 4\$000
Trimestre..... 2\$000

Brazil
Anno..... 45\$000 moeda fraca
Semestre..... 25\$000

Territorios da união postal
Anno..... 2\$000
Semestre..... 5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO.,

43-RUA FORMOSA-43

ILLUSTRAÇÃO

José Jonbert Chaves
EDITOR

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço *ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA*

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão.—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1905

NUMERO 92



S. A. R. o duque de Montpensier, irmão de S. M. a rainha senhora D. Amélia

Deve chegar amanhã a Lisboa S. A. R. o duque de Montpensier que se vai a passar no real palacio de Paris, onde já está sua irmã a princesa Luiza de France que vai passar o verão com S. M. a rainha.
O duque de Montpensier goes as férias, pois acabou os seus es-

tafos fazendo exames de segundo tenente da marinha espanhola a bordo da fragata *Albatros*, de donde se guilte o regulo seu colaturo na cruzada de Algeiras. S. A. R. o duque de Montpensier nasceu no castello d'Alcazar de Sevilha a 9 de setembro de 1851, e o bikiho mais novo do tabuleiro de cartas de Paris e tinha apenas dois annos quando sua irmã se

casou. D. Amélia se casou com S. M. a rainha, sendo mais velha do que sua irmã de que seu sobrinho S. A. R. o principe D. Luiz Filipe. Habitualmente o duque de Montpensier reside com sua mãe, a sechra condessa de Paris, no palacio de Villanarique, em Hespanha ou no castello de Baudan em Pays-de-Dôme, França.

CHRONICA

A evolução theatral

Os espectáculos da semana anterior vieram demonstrar que se evoluciona, mas também que ha muito mais a evolucionar e em curto espaço de tempo, segundo nos disseram. Devemos essa evolução tão cara e tão grata ao nosso coração á auctoridade, embora isso pareça paradoxal.

O theatro livre com a sua necessidade de intenso e forte realismo tende a desenvolver-se e a impôr-se de vez desde que a auctoridade por portas travessas collabora na sua evolução, affirmam nos.

O theatro foi muito tempo entre nós um pretexto para derramar lagrimas e comer bolos. Tinha então as propriedades da cebola e dos appetitivos. Citava-se Mendes Leal e o pasteleiro do Pote das Almas, os *Dois Renegados* e as *barriguinhas de freira*, Garrett e a Casa das Gelas, o *Fr. Luiz de Souza* e os sonhos.

Depois vieram outros auctores e outros confeiteiros; incharam muitos olhos com o pranto e caíram muitos dentes com os doces. Chegou um periodo de transição. Perden-se o habito de chorar e inventou-se o *bombon* para os intervallos. Era no tempo do renascimento. O drama historico trouxe os botequins para os theatros.



ASYLO D'AJUDA—No lavadouro

Depois d'um acto patriótico sabe bem uma *sandwich* desde que o patriotismo é feito de direitos de auctor; após uma scena quento de amor leuco é necessario uma cerveja. Acalma e refresca. D'esse abraço da dramaturgia com a capa e com a cozinha já se vai safando. O theatro livre faz theses do alcoolismo e dos excessos gastronomicos. Depois d'estas peças ninguem se atreverá a beber um simples copo de Collares ou a ingerir uma ceia no Leão.

Porém a transformação theatral que se vai operar tem bem outras causas. Como já dissemos parte da auctoridade.

A lei entrou no campo da arte desde que Brioux a discutiu. Collabora indirectamente como a Providencia costuma fazer, mas collabora.

Do cartaz do Gymnasio foi mandado retirar o drama *As Victimats*, porque pela sua intensidade commovia, porque as personagens diziam-se prestes a morrer de fome em scena enquanto um braço revoltado expulsava a caridade.

Na praça do Campo Pequeno foi obrigado a lidar touros certo *espada boer*, bem reclamado e que já no redondel declarou não perceber cousa alguma do torneio. Então a policia, que se confrangera em frente d'uns actores que representavam morrer á mingua, atirou o inepto toureiro para a cabeça do bicho, não se importando que elle morresse d'uma colhida.



ASYLO D'AJUDA—Alumnas estregando

Deduz-se d'isto que a auctoridade gosta muito mais de scenas ao vivo, bem naturaes, bem verdadeiras do que das scenas feitas a fingir, declamadas, ensaiadas, postas á luz da ribalta e n'isso julga estar de accordo com as theorias do moderno theatro. Entre uma morte toda de *ficelle*, entre uma agonia que se exteriorisa, mas que acaba ao descer do palco, ali pelas tantas da noite, prefere uma morte a valer, com sangue a jorrar, diante d'um publico entusiasmado, á luz intensa do sol, n'uma bem quieta e bem luminosa tarde como aquella em que o conde d'Arcos morreu em Salvaterra.

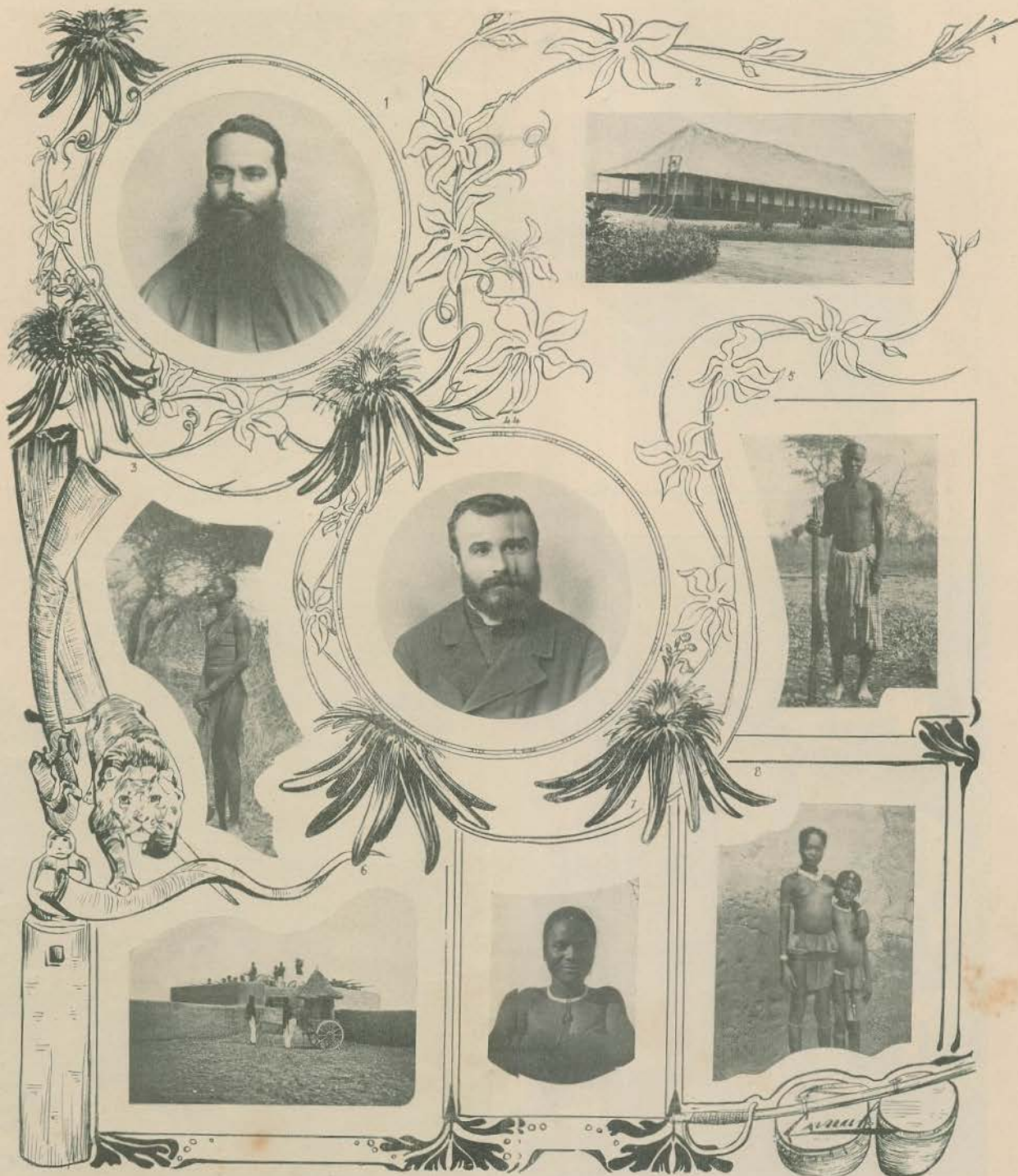
Pelo menos é isso o que se depreheende desde que se colloca um miserio *malha* na situação de escolher entre a cadeia e as hastas d'um touro. Que alternativa!

Em frente d'isso esse theatro profundamente real que se ensaiou em França com a representação da *Torre de Zola*, n'um scenario d'arvores naturaes á sombra das quaes passeavam gallinhas authenticas, tem um caminho aberto, uma estrada a percorrer desde que os actores estejam pelos ajustes de se sacrificarem como o pobre *espada boer*. Pelo menos assim pensa a auctoridade que quer concorrer para a evolução theatral e desejando por isso, como nos disse um chefe de policia, encarregado de ver as peças, tudo ao vivo, mesmo, nas mortes.

ROCHA MARTINS.



ASYLO D'AJUDA—No recreio



O ATAQUE DOS CUANHAMAS NOS TERRENOS DA MISSÃO DE CASSINGA

1. O' rev. José Maria Antunes, superior das missões da Huilla—2. Missão da Cassinga: Casa dos missionarios—3. Lengua cuanhama em viagem—4. Padre Ernesto Lecomte—5. Guerreiro cuanhama—6. Um dos baluartes da fortaleza de Cassinga—7. Typo de rapaz cuanhama—8. Rapariga cuanhama

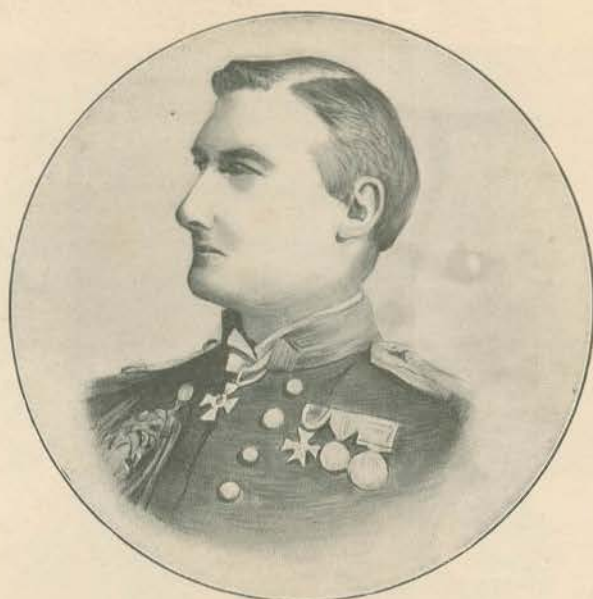
A missão de Cassinga tem n'um ponto denominada a Casotta, e que tem a umas duas horas de marcha de edificio central, grandes colheitas de milho e trigo e fructos de uma parte da povoação arcaica. Em frente da margem esquerda do Tchango está a embocadura do rio Manganga, cujos rioscões são immensos e que ainda foram augmentados pelos despejos da ultima batalha de tão triste memoria.

Os cuanhamas attribuem a culpa de se em demittigarem com os portugueses ao padre Ernesto Lecomte, superior das missões, de quem tiraram um anello aquelle lugar e da Cassinga. Em numero de 15000 armados de boas espadas e machados e Kropischels, a todas as horas do encontro de 25 de setembro de 1904, subtrahiram nos terrenos que aquelle, arrestando o padre e o missionario, a quem infligiram hor-

ríveis torturas, chegando a metter-lhe na bocca cartuchos e balas explosivas. O padre prometteu dar um boi, depois de pensarem em o levarem para o lado do, abandonaram-no a meio caminho onde o foi tomar uma força de othalia e alguns passal da missão, tendo-o encontrado em mysterio estado.



O almirante Horesford, commandante em chefe das esquadras inglezas reunidas na bahia de Lagos



Vice-almirante May, commandante da esquadra de Atlantico, que está manobrando na bahia de Lagos



A fachada



A capella do Livramento ultimamente restaurada

O altar-mór

A primitiva capella do Livramento foi fundada em 1616 pelo dr. Rodrigo Homem de Azevedo, que transferiu a imagem de Senhora do Livramento, que se encontrava em S. Paulo, para o local. Em 1686 a capella pertenceu á ordem de S. S. Trindade, á qual ficou des-

ta pelos descendentes do fundador, edificando-se tambem um convento e modificando-se a capella. Em 1755, tendo sido visitada pela 4.ª vez, o rei D. Maria I. mandou proceder á algumas reparações. A rainha D. Maria II. e seu esposo

D. Fernando, dispensaram tambem á sua protecção a imagem da povoação, que foi restaurada á expensas do Estado, tendo sido encarregado dos trabalhos o architecto sr. D.º Luiz do Carmo, que então gozava de honras de rev. prior d'Alcantara.



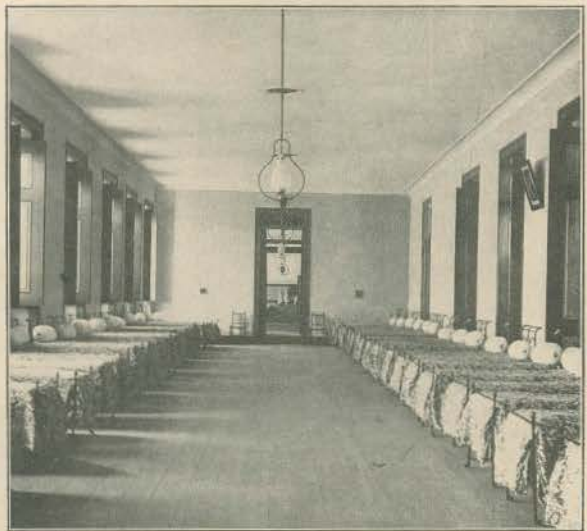
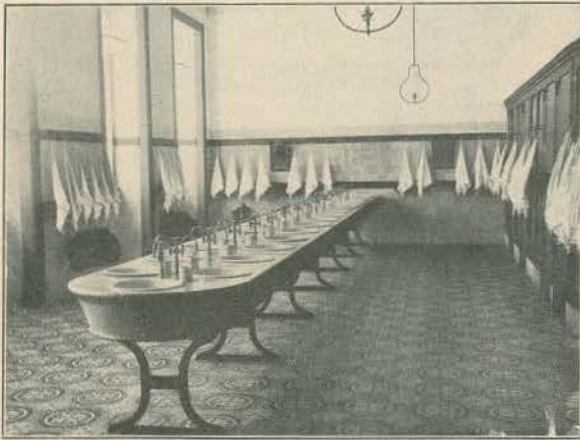
NO JARDIM DA PATRIARCHAL—Uma tarde de domingo

O jardim da Patriarchal, que pelas tardes se enche de riuza infantil dos tres irmãos de côrmas. Foi construido desde os meados do século XVIII pelo A.H. da Costa e era um monte de terra que da até ao Lugar, onde se encontra actualmente a «Mãe d'Águas». Equivale-se

ali, uma Sé Patriarchal quando um incendio motivado pelo terremoto de 1755 destruiu a que se levantava junto ao Paço da Ribeira. Houve um novo incendio na Sé que se fundou na Lapa e o Lugar começou a denominar-se Patriarchal Quilomda. Um ministro do D.

Maria I. a visconde de Ponte de Lima, mandou fazer os afrescos para um Paço da Theoria para esse Lugar, porém os afrescos não foram por falta de dinheiro e ali ficou a «matrícula» alguns milhas de cruzada. Agora existe sob o Jardim um reservatório

das «Companhia das Águas» que ocupa todo o local que se estende até ao rio da Costa e dá para o rio de mais riuza e com as suas fontes belissimas vizinhas para assestadas nos bancos do jardim que é um das mais conhecidas de Lisboa.



D ASYLLO D'AJUDA

Sala de costura—Casa de engomados—Lavatorios—Refeitório—Secretaria—Camarata

É provedor d'este asylo o sr. Jayme Arthur de Cast. Piná, que tem por adjuntos os srs. Damiana Lurto e Julio Moreira. A grande ventura da educação ministrada a este estabelecimento sobre a das outras casas congêneres é de que a todas as trabalhos laboriosos se junta um solido ensino pratico, o que era de toda a necessidade em-tre-se não só nas diversas escolas de caridade, mas ainda nas de

ensino particular. A educação, como hoje se ministra, insufficiente no que diz respeito as cousas praticas, superflua em utilidades, torna a mulher, e mesmo o homem incapaz para a conquista do pão. Algumas senhoras d'uma educação esmerada, perdendo a fortuna, es-contrando-se enfim em más circumstancias, não sabem o que hã-de fazer, simplesmente porque as educaram com inutilidade. Os ho-

meus estão no mesmo caso sem um officio, sem uma base de pratica que obriga muitas vezes a saída de cursos superiores o terem de seguir d'ante de simples acrobacias. É a isto que o Asylo de Ajuda se procura dar remédio, seguindo-se um bom programma de ensino.



O ASYLO D'AJUDA
 A capella—Aula de fibres—Grupo de empregadas srs.^{as}—D. Palmira Julia Xavier, professora; D. Anna Rosa Gonçalves, regente; D. Julia da Conceição Milito, professora ajudante; D. Angela de Jesus Alves, auxiliar; F. Maria Gomes das Neves, escripturaria; D. Palmira Vasques, enfermeira; D. Julia Maria da Silva, professora aj. n.º 2.—Uma aula—A cozinha.

A educação no Asylo de Ajuda tem sobrestado a fazer boas donas de casa e par de senhoras bem instruidas. Todos os dias tres alunas d'esta estabelecimento são encarregadas de preparar as refeições das compunheiras e das professoras com grande varia-

das e assistindo as criancas pobres por um terçinho d'outras applicavel. A uma das educandas cabe a tarefa de cozinheira e as outras duas sãe ajudantes, preparando assim a comida para cem pessoas.

A par d'esta tem outros trabalhos praticos tendentes a preparalas para o lar, não se descurando tambem a sua educação theorica, desenvolvendo alem d'isso, lavores em que algumas das educandas são eximias.

O Asylo d'ajuda está instalado na Calçada do Tapado, 162, e tem magnificos dormitorios, grandes orçãos, bellissimas aulas, além de um jardim de recreio, onde as pequenas descançam dos seus trabalhos.



Todos os annos os cuanhamas e cuamatás fazem as suas *razzias* nos terrenos vizinhos, chamando a estes assaltos *O cunhanga-nhanga* (fazer a colheita). Dividem-se geralmente em grupos de 200 homens armados, com-

mandados por um *lenga* ou capitão do soba. Nunca atacam de noite, mas sim pela madrugada; enquanto uns polham, outros lançam-se sobre os que defendem a aldeia ou cercal, usando umas mósas que são as suas ar-

mas preferidas. Ordinariamente matam todos os homens que encontram, poupando as mulheres e as crianças para que se faça o resgate por parte das famílias.

O ATAQUE LOS CUANHAMAS A' MISSÃO DE CASSINGA

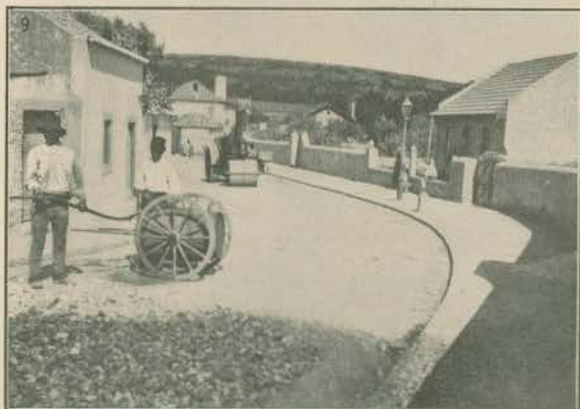
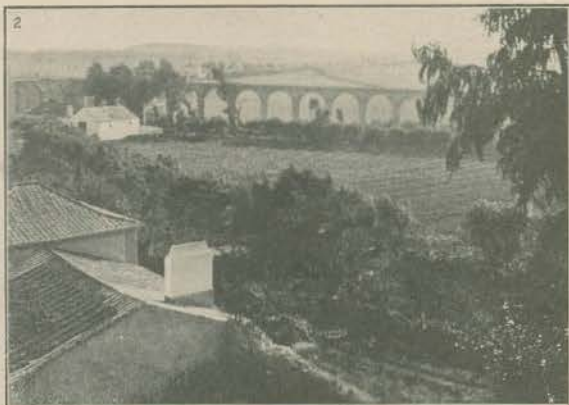
No fim da pilhagem Cirigen-se, e galanados do melhor que possuem, para a embala do soba. Adornam-se com penas do avestruz, enchem-se de amuletos e feitiços. Faz-se n'esse dia a partilha geral e realisa-se uma gran-

de festa, sendo apresentado todo o garado e artigos roubados, que o soba distribue. Vem recebê-los ao caminho com a sua gente em pé de guerra fazendo grande berreiro e espalhafato. Os que se distinguem na pilhagem

Segundo informações são feitos *lengas* ou chefes e um maior *quinhão*. As missões têm prestado grandes serviços no lugar e ainda ultimamente impediram a união dos cuamatás e cuanhamas quando quizeram atacar os portugueses.



ASYLO D'AJUDA—Grupo das alumnas com as senhoras empregadas no estabelecimento



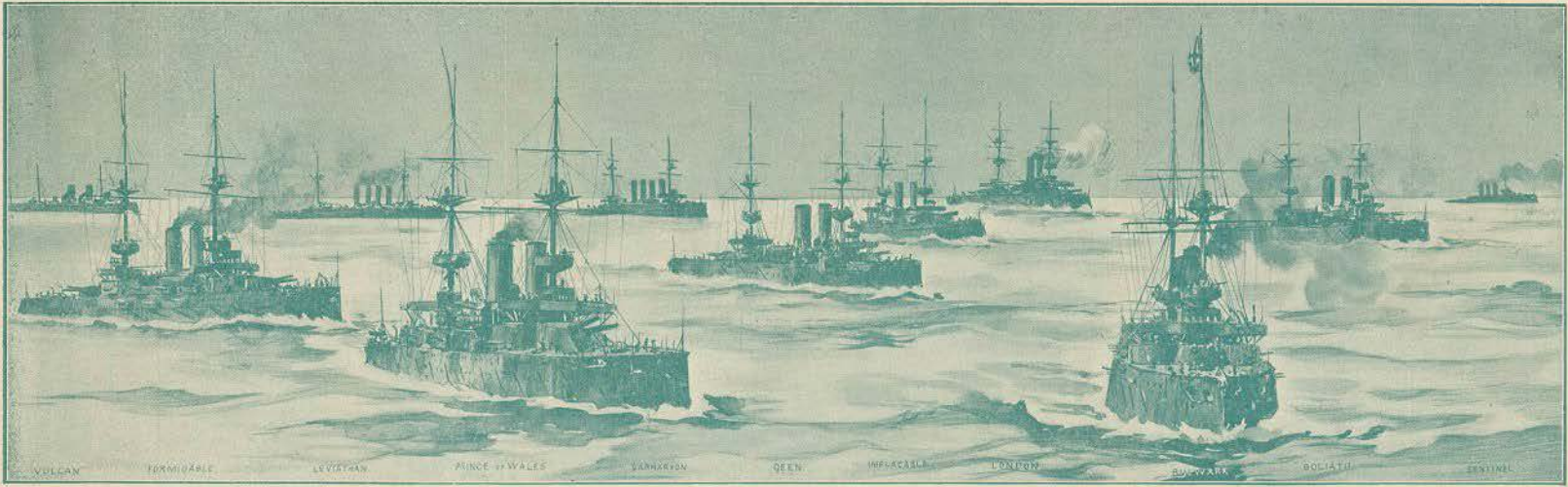
ARRABALDES DE LISBOA—Alguns aspectos de Bellas

1. Vista geral de Bellas—2. Arcos de Ponte Pedrinha—3. Lugar de Pendão—4. Mina d'agua A forrea na quinta do sr. Wimer em Bellas—5. Na Manha: uma eira—6. Igreja de Bellas—7. Passagem de nível na estação Quiluz Bellas—8. Villa Adelaidé em Bellas—9. Estrada da Idanha—10. Chafariz da Idanha

Bellas é um lugar interessante e cheio de pitoresco e que muito se tem desenvolvido nos últimos annos. Como fica próximo da linha férrea, tem-se feito ali magnificas industrias, gráficas, vivendas e até se vai pescar o verão. Atravessa duas largas freixas das estradas que conduzem aos logaryos vizinhos á Idanha e á Boa Viagem.

Informações sobre esta povoação diziamos que ha uns annos era muito frequentada apenas nos dias da grande romaria do Senhor da Serra, pela sua de agosto. A imagem vestem-se na quinta de dona de Bellas e que pertence a D. João Lourenço Pacheco, que das assizes de Ignez de Castro e a quem D. João I a doou em paga dos seus gran-

des servicos aos reis de Castella, pois deixou Castella onde se escondeu ante a perseguição de Pedro I e ao ver que as hostes da acção vizinha invadiram Portugal veio com seus filios tomar o seu posto na patria, mas como a dominheza do Mestre D'Aviz que ao ser proclamado o socorreu em bens e lhe restituiu a sua casa sequestrada.



OS PRINCIPAES NAVIOS DAS ESQUADRAS INGLEZAS DO MEDITERRANEO E DO ATLANTICO QUE ESTÃO FAZENDO AS MANOBRAS ANUAES NA BAHIA DE LAGOS

É o commandante em chefe das esquadras o almirante Bevington, que tem o seu pavilhão no cruzador «Blackburn». O cruzador «Lion», que o «D. Carlos» do commando do comboio de mar e guerra do Almirante de Albuquerque Gomes, fez se honra de portar as esquadras inglesas.

S. M. o rei partiu para o Algarve no abbado, aguardando em Portimão a esquadra real «Sado» que commanda S. M. para o esquadra real «Amélia», Lady Rossetti, que quasi sempre se junta ao esquadra, e a esquadra de esquadra no esquadra «Serpente».

A esquadra do Mediterraneo chegou á bahia de Lagos em 22 de julho e logo se fez ao mar para encontrar-se com as suas esquadras. A esquadra do Atlântico chegou á bahia de Lagos em 2 de agosto.

Além dos principais navios que publicamos, as esquadras compoem-se de alguns «destroyers», «torpedeiros», «avisos», «pavões», «minas», etc., que fazem um total de quarenta e dois navios.



ARRABALDES DE LISBOA—Um aspecto de Sacavem

Sacavem, que é um dos arrabaldes mais importantes da capital, é também um dos mais antigos, pois já existia no tempo dos romanos. All passava um dos tres rios miliares que de Lisboa se dirigem a Alentejo, entre capital da Lusitania. A estrada mais da parte

oriental de Lisboa, passava em Chellas, onde se ergue o primeiro marco militar. D. Affonso Henriques conquistou as mareas a seu grejo desde esse tempo, a qual foi destruida pelo terremoto e não se reconhece. All passa agora o conductor das aguas do Alentejo que

abastecem Lisboa. A igreja matriz é a de Nossa Senhora da Conceição dos Martyres desde 11 d'abril de 1861, a requisição da junta do parochio que pediu a transferencia, a qual foi concedida pelo patriarca D. Manoel.

Ficaram all n'outra tempo grandes festas á Senhora da Sando e tres feiras annuaes, sendo a primeira no domingo do Espirito Santo, a segunda a 11 de agosto e a terceira a 14 de setembro, durando tres dias cada uma.



HAVIAM PARTIDO DE VAGAR, MAS DENTRO EM BREVE A MARCHA SE ACELERAVA

A ASIA EM CHAMMAS

ROMANCE DA INVASÃO AMARELLA

POR FÉLI-BRUGIERE E LUIZ GASTINE, TRADUÇÃO DE ALBERTO TELLES

V

ATRAVEZ DOS CAVALLEIROS DA ASIA

Dizimada, reduzida á impotencia, a missão internacional do Occidente estava pois prisioneira d'esses cavalheiros, cuja subita irrupção permanencia inexplicavel aos europeus sobreviventes.

Haviam, sem duvida, contado com as aventuras e os perigos, sempre inseparaveis dos longos percursos nas regiões da Asia central, mas nada podia fazer-lhes prever um desenlace tão brusco e tragico da sua empresa apenas iniciada.

E' certo que no Extremo Oriente ha alguns annos a esta parte, a situação tornara-se cada vez mais critica entre a China e as potencias europeias, que tinham tido muita pressa de proceder á divisão de um imperio, ainda com muita vida, não obstante as suas apparencias de abatimento.

Para realizar a palavra emphatica pronunciada, haverá vinte annos, por lord Salisbury: «As nações vivas tem direito a apossar-se dos despojos das nações moribundas», a Inglaterra, atacada de um accesso de hypertrophía imperial tinha querido dominar na China, como dominava na Africa e quasi em toda a parte. Mas tendo ido ao encontro da temivel concorrência da Russia e da Alemanha, d'ahi resultou uma guerra, antes maritima que continental, em que toda a Europa, ligada contra a Inglaterra e os seus unicos alliados, os Estados Unidos e o Japão, se tinha empenhado n'um combate naval com as poderosas armadas anglo-saxonias.

No decurso d'essa guerra, aliás curta, sepultaram-se milhões no fundo dos oceanos; depois, volvidos alguns mezes após uma lucta inaudita, um congresso solenne, reunido em Roma, reviu o mappa do mundo, dando a

cada nação um logar proporcionado, e constituindo uma especie de Federação das nações civilizadas.

Desde então a Africa, quasi de todo colonizada ou explorada, abria ao commercio internacional as grandes vias ferreas do Cabo á Alexandria, do Djibuti á S. Luiz e á foz de Congo, de Libreville a Zanzibar.

Por outro lado, o governo official da China, tendo em certa maneira abdicado em provento dos europeus, sobrestado russos e allemães, pelos valles do Yang-tsé, do Hoang-ho, do Si-kiamg, seguiam as linhas ferreas e todos os portos da costa pertenciam ás grandes casas commerciaes da Europa.

Mas es seus nuncios encontravam desde algum tempo já rivais muitos serios nos proprios chinezes, educados e instruidos por elles, porque os «Celestes», commerciantes industriosos, engenheiros com aptidão para tudo, desbancavam pouco a pouco os occidentaes.

Alguns diplomatas attentos e penetrantes notavam que por detrás d'essa selecção de assimilados, que se entupia e viazava ossadamente como o Japão, se sentia irromper a turba dos filhos de Han, innumeraveis, paizanos, comedores de arroz, que despertavam do seu antigo torpor.

Muitos d'elles percorriam o antigo mundo, operarios incomparaveis de habilidade e de barateza enquanto — o grande numero — presas ao solo dos antepassados, prolificos até o excessivo, lentos em mover-se, permaneciam surdamente hiosos ao demonio do Occidente, que, pela vez primeira, apparecia como senhor no meio d'elles.

Nenhum dos europeus que compunham a missão ignorava esse estado de espirito e as complicações que d'ahi poderiam surgir: depois, Mas, exactamente porque elles estavam comprehendidos das suas intenções muito pacificas, e convencidos de que a construcção de uma

grande via ferrea, que unisse directamente a Europa e a Asia por palcos ainda novos, através das grandes aglomerações de povos chinezes, teria uma influencia favoravel sobre o desenvolvimento e a transformação d'estes ultimos, esperavam, sem duvida com alguma illusão, alcançar o seu fim sem grandes difficuldades, e reputavam-se conciliadores da raza branca e da raza amarella. Ora, ao sahir da Asia russa, que boja com tanto brilho da estepa, cheia de cidades policiasadas e de actividade industrial, tornada fertil como nos tempos primitivos, a missão, nas suas primeiras paragens na entrada da China, cahia no mais imprevisto dos infortunos, e tornava-se o ludibrio do mysterio mais assustador!

La, a essa hora, proseguir o seu caminho para destinos ignotos, prisioneira d'esse «Senhor» que o chefe mongol annunciava, como o Precursor annunciava outrora o Messias, e os pensamentos dos homens distinctos que a companhia estavam baralhados no espanto produzido pelos terriveis acontecimentos da noite. Ressentiam-se as suas robustas organizações ao mesmo tempo da febre de commoções tão precipitadas como pungentes, e do abatimento que succede a uma lucta inaudita, proseguida sem esperanca.

Só o cerebro mais solidamente equilibrado de Mérande resistia a esse abalo, e ao mesmo passo que tentava restabelecer um tanto a ordem no desconcerto material e moral da missão esforçava-se para reconstituir o presente, afim de deduzir d'elle o futuro.

Pela morte de Kovlef e pelo accordo unanime dos sentimentos dos seus companheiros, Mérande, tornado seu chefe, precisava de toda a dedicação d'elles para aproveitar algumas probabilidades de salvacão ainda possiveis em vicissitudes tão tragicas.

Ao mesmo tempo que auxiliava os seus companhei-

ros a partir, agrupava no pensamento os últimos incidentes da noite. Primeiro a chegada do mongol, que viera para o levar só. Depois a vinda do official russo, portador de um aviso de retirada precipitada, em razão das perturbações súbitas da região. Finalmente, essa dupla e repentina aparição de duas bandas de cavalleiros, a ultima das quaes parecia commandada por um chefe de grande importancia. Tudo, até as derradeiras palavras proferidas por esse chefe em forma de adeus — essas palavras que faziam allusão a um Son or supremo — bem como a vaga indicação de uma marcha para além do horizonte em direcção ao Occidente, tudo formava um conjunto de indícios, dos quaes Mérande inferia a aproximação, até o desencadramento muito imminente, de uma enorme tormenta. Mas não podia comprehender ainda a sua origem nem as suas causas.

— Não se trata, disse elle a Nadia, que o interrogava, de um acto de pirataria vulgar. Não estamos evidentemente em presença de uma horda de barbaros separados. É um grande movimento de povo o que vos arrastar-nos. Mas não posso explicar a mim mesmo o subitaneo levantamento em armas das tribus mongozas e sobretudo essa marcha para Oeste.

— Por muito numerosas que sejam, essas multidões não quebrou-se de encontro a muralha russa...

— Salvo ao Tamerlan estiver á frente d'ellas disse Van Korsteen, que acabava de fazer os seus curativos.

— Sabes que ha lendas que dizem que elle não morreu, e ha de voltar para terminar a sua obra de conquista do mundo. Outros os nossos campeões não dizem outro tanto de Napoleão?

— E podes murmurou Herman, Que faria hoje Tamerlan contra as machinas de destruição dos nossos exércitos europeus?

— O que faria? Havia de cobri-los de carne para o congozo. Essa gente bate-se a montões de homens. São irrígidos phantásticos da humanidade.

— Já por deante Van Korsteen, mas foi interrompido pelo chefe mongol, ao qual estava confiado dirigir a missão.

Aproximando-se, este ultimo perguntou em bom russo se se estavam prontos para partir.

— Ao menos deem-nos tempo de enterrar os nossos mortos, disse Mérande, indicando os tres cadaveros já despedidos pelos mongozos, e que jaziam nus, como todos os mais combatentes mortos, amigos e inimigos.

— O mongol, sacudindo a cabeça, fez um signal negativo.

— Os mortos não tem necessidade de ser cobertos de terra. Para que esceder aquelles que cahiram valentemente, encarando a morte, com os olhos abertos?

— Os nossos costumes requerem que se sepultem os mortos, para não serem presa das aves do rapina e das bestas feras.

A sepultura mais bella é ser devorado pelos animos, respondeu o mongol.

— Deixae os mortos onde estão.

— Além disso, não podemos demorar-nos mais aqui: deveriamos estar já a caminho e até longe.

— Daes vos pressa em estar prontos para partir.

— Tal é o costume mongol, disse Mérande aos seus companheiros, não se faz caso dos mortos.

— Saudemos pela ultima vez os nossos caros companheiros. Consa nenhuma nos deve fazer desesperar do futuro, mas talvez que elles sejam felizes por não haver sobrevivido ao primeiro combate, e de não ter que passar as provações que nos estão reservadas...

— Entramos n'um ignoto muito sombrio, meus amigos, e appello para toda a vossa força de animo para não vos deixar succumbir pelas tribulações que nos esperam.

Nadia ajoelhou junto dos mortos, e os seus companheiros em redor d'ella, á vista dos mongozos impassiveis, contemplaram pela derradeira vez Kovlof, Pédorof e von Hornar, heroes sacrificados á terrível Asia, primicias de holocaustos mais sanguinolentos da lucta da civilização contra a barbaria.

Entretanto os cavalleiros mongozos haviam-se reunido, e o seu chefe, aproximando-se atida dos europeus, convidava os a montar a cavallo sem demora.

E quasi immediatamente a sua pequena tropa pushou-se em marcha entre uma dupla fila de cavalleiros, na direcção do leste, pela entrada da China.

Haviam partido devagar, mas dentro em breve a marcha se accelerava.

Elleva-se da esteppa uma névoa quente. A estrada seguida, toda em linha recta, galgava infindamente, subindo e descendo extensas ondulações da argila amarelenta, salpicada de tufo deervas aczafreadas.

O terreno que radia, parecia desfazer-se dobaixo dos pés dos cavallos, e um pó impalpavel envolvia a triste caravana com um véo amarello como a propria esteppa.

Durante todo o primeiro dia de marcha, os prisioneiros, ainda muito fortemente impressionados, e cujo estado predominante era não se separarem, estavam como que retrahidos sobre si mesmos, seguindo passivamente, por não lhes ser possível outra coisa melhor, a corrente humana que os arrebatava.

O dia immediato foi em tudo o por ti lo semelhante ao primeiro dia.

— Estamos afogados em amarello, murmurou Van Korsteen; cor de mar agouzo!

Respondiam-lhes o por monosyllabos; mas o bom dia,

tor, cuja lingua andava sempre á cata do moto continuo, esforçava-se por sacudir o torpor dos seus companheiros, ao mesmo tempo que os cercava, sobretudo os feridos, dos seus cuidados medicos.

— Dizer que nem sequer gosamos da vista da paisagem! continuava elle; pois mal entrevejo os focinhos do mouro dos nossos cavalleiros de escolta.

— Deitamos cinco nós por hora! exclamou Paulino, que balançava fortemente em cima de um camelo.

Os prisioneiros eram, e com effeito, forçados a esse trote, a tirar passo, andamento especial dos cavalleiros da esteppa, apenas interrompido, depois de trindas de tres ou quatro horas de marcha, por breves descansos junto de um poço ou de um caçalu! abandonado quasi sempre.

Neste andar, os mongozos fazem vinte leguas por dia. E se os europeus não succumbiram durante esse longo e penoso trajeto, foi isso devido á sua robusta constituição. As suas proprias feições caracterizaram rapidamente a sobre exaustão do deserto.

De resto, não os maltratavam. O chefe mongol tenta-

prisioneiros os typos das differentes populações nómadas da esteppa e dos planatos tibetanos e siberianos.

E deante de seu numero sem cessar crescente, no continuado tumulto da sua passagem, de dia e de noite, apoderava-se d'elles pouco a pouco uma angustia profunda, pensando no immenso e mysterioso exodo que essa cavallaria fazia presentir.

— Dar-se-ha caso que a Asia marche? exclamava Bortermans. Disse-lham migrações de povos que vão por ali adiante... Mas para onde vão elles?..

Paulino Mérand, sobretudo, não cahia em si. Empoleirado no seu camelo, travava com o dr. Van Korsteen longos e violentos dialogos sobre um thema invariavel:

— Dar de esporas no meio do turbilhão, romper e safar-se no pó.

Mas Mérande contava silenciosamente e calculava o numero dos cavalleiros em marcha.

Erão milhares n'um dia, milhares no dia seguinte... e a torrente não cessava.

Certa manhã, depois d'uma tempestade nocturna, quando chegaram á montanha para atravessar o Tinehar e seguir a estrada de Oroumtai, houve um momento em que, dominando a esteppa,

que ao longe corria para os montanhas aauladas da Siberia, os europeus viram-na toda em movimento, coberta de hordas numerosas, de combates fantasticos, com a retaguarda composta de milheres e crianças.

E essa esteppa viva, animada em toda a sua superficie de um fremito continuado, tanto estava recamada de seres approximados uns dos outros, marchava para o Occidente!

— Ah! está a invasão annunciada ha tanto tempo! dizia Mérande. Mas a China entra n'ella?

— Que coiza fatalidade conduz toda essa gente?

— Não estamos já nos tempos barbaros nem na Idade Media! Que farão essas multidões contra os nossos exércitos da Europa?

— E nós, concluiu Van Korsteen, sempre humanista, sem um telephone para prevenir o mundo civilizado. Nem o mais pequeno posto de telegraphia horziana para dar o alarme!

— Quanto não daria o *Crest America* para ter a primitiva d'esta noticia sensacional!

— Entretanto, somos nós que a temos, essa sensação disse Nadia.

— Deixemos á Providencia o cuidado de dispor dos nossos destinos, observou Mérande. Estojmos firmes e prontos para tudo.

Nesse dia a escola voltava para o Sul, e á tarde chegava a Oroumtai.

Paulino Mérande não se esquecia.

Fóra necessario nos caminhos de montanhas romper columnas espessas de mestiços soldados de infantaria, mal armados, mas fanaticos, que soavam gritos de morte contra os europeus.

Kalmuks da planicie, deungaros, pastores do Gobi tibetanos, marchavam em desordem, mas agrupados, em tribus, sob a direcção de lamas, conhecidos pelos bonnets quadrados.

Por varias vezes, os cavalleiros mongozos tiveram de fazer uso do sabre o da lança contra esses selvagens, que tentavam intrrometer-se até os prisioneiros para os alcançar.

Paulino Mérande não abrandava:

— Ora está! São esses pilhinhos que querem fazer guerra á Europa? Que se mettam n'isso! Não ter em aqui o meu tubo de metralha electrica! Que papas lhe fazia em com elle!

Juntado então a accção á investida, Paulino auxiliava por vezes os mongozos da escolta com a voz e o gesto, porque alguns endiabrados, impellidos pelos cavallos para o meio da columna dos cavalleiros, erguiam-se bedonhos e sanguinolentos, e agarravam-se ás pernas dos prisioneiros n'um derradeiro esforço de mautanca.



PAUL MÉRANDE

va até alliviar os seus prisioneiros, mudando-os muitas vezes de cavallos, d'atando-lhes viveres e agua em quantidade sufficiente. Mas, nem a rapidez nem a extensão do caminho percorrido diariamente foram modificados.

Parecia haver pressa em leva-los aquillo que devia deopor da sua sorte.

A principio, surprehendidos em demasia pela violencia de que tinham sido alvo, os europeus só tinham podido pensar em vender cara a vida; mas, depois, ponderos e prisioneiros, e o seu unico pensamento devia ser a liberdade, isto é, a evasão.

Desde a primeira hora, Mérande não tivera senão essa preocupação dominante. Porém, á medida que avançava para o Oriente, perdia toda a esperanca de escapar á fortidura d'el constricção que os tinha apertado, contemplando todos os os illos e espantado cada vez mais comovimento que se desdobrava deante d'elles.

Atravez de nuvens de pó, os prisioneiros enxergavam, desde o primeiro dia, hordas de cavalleiros que desfilavam em sentido inverso da sua marcha.

Uma vez só o exclamou dos seus gritos e o relinchar dos seus cavallos annunciavam essas passagens: outras vezes elles cruzavam de perto a escolta, detendo-se surprehendidos de vêr essa banda que seguia em sentido contrario a elles; e algumas vezes injuriando os europeus, e ainda outras á amecando-os até, mas inclinándose e desaparecendo e apenas o chefe mongol falava.

N'esses cavalleiros asiaticos reconheciam então os



Castello de Ponceno, perto de S. João da Pesqueira

(Phot. do sr. A. Tardella, de Vizeu.)



Vista geral de Taboajo

(Phot. do sr. Tardella, de Vizeu.)



Sr. viscondessa de Távira
Fallecida em 2 de julho



Rev. Hawksley de Westall
Ministro da igreja inglesa de Estrela

CHRONICA ELEGANTE

Houve ha tempos uns momentos de hesitação acerca da adopção de modas Luiz XV que muitas p. ssnas julgavam incompatíveis com a accentuada predilecção pelo costume *tailleur*. De facto, parece que não podiam fazer bom *ménage* os vestidos leves, *fanfrinchés*, os cor-

vozes a ser *tendés*, o que daria tambem um aspecto antiquado á *toilette*.

Por isso tomou-se a determinação de *draper* fartamente a sodes sobre o busto. As mangas com varios rufos, fofas e franzidas, não apresentam grande volume e são geralmente curtas rentes ao cotovello, terminando algumas com *sabot* de renda não muito alta. Algumas pessoas usam a *mitaine* ou *bout de manche* em renda muito justo ao braço, outras não adoptam senão a luva alta que desenha tão elegantemente o braço.

Os saltos Luiz XV tambem voltam a usar-se e esperamos que algumas fofas do futuro inverno verão figurar o *fa-lon rouge*.

As sodes *Pompadour* estão sendo muito apreciadas para vestidos completos, corpetes, saias, casacas, e igualmente na questão do mobiliario se está notando accentuada predilecção pelo estylo Luiz XV.

Fig. 1—*Toilette* de noite com corpete Luiz XV em seda *pekinée* rosa e branco. Saia de *mous-seline* de seda branca.

Fig. 2—Chapéu de tul, velludo e plumas pretas.

Fig. 3—Vestido *Princesse* atacado atrás em *cachemire mauve clair*.



Fig. 2

pos em bico, as mangas curtas e enfeitadas, com a severidade dos vestidos *tailleur* de manga lisa, de linhas severas e bem definidas.

Pois a experiencia mostra que presentemente o genero *tailleur* e o estylo Luiz XV caminham de braço dado, tendo cada um as suas attribuições perfeitamente caracterisadas.

Uma das maiores novidades e o vestido *fourreau* genero *Princesse*, intorçado e atacado atrás. Compreendendo-se que grande sciencia de corte e tambem impecavel forma são necessarias para que um traje d'esses produza o effeito desejado.

Estes vestidos destinados a passeio admittem muito poucas guarnições, a fim de que nada venha prejudicar o aspecto irreprehensivel do talho.

Comprehende-se que as fazendas leves não se prestam a este genero de vestidos que ordinariamente se executam em panno fino, sarja, choviote de verão ou *cachemire*, que volta a ter bastante acceptação.

A *toilette* de jantar, de theatro ou sarão e que permite toda a sorte de phantasias. Uma das notas mais modernas é a abolição do cinto. O corpete rente á cintura e muito justo forma bico na frente e assim se obtem o effeito do alongamento da cintura. A seda do corpete, por vezes differente da saia, não se presta as mais das



Fig. 1



Fig. 3

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Romances, Viagens, Sciencias, Historia, Artes, Musica, Conhecimentos uteis, Modas, etc.

PLANO DA PUBLICAÇÃO

Uma vez por mez darão os **Serões** aos seus leitores um elegante volume, de 100 a 150 paginas, impresso em fino papel de arte, profusamente illustrado, com collaboração escrupulosamente escolhida, para que possa ser recebido com inteira confiança nas familias.

Cada numero se compoerá:

1.º — Do **magazine propriamente dito**, de 80 a 120 paginas, semelhante ás publicações congêneras do estrangeiro, mas com um plano mais vasto, abrangendo todas as manifestações da intelligencia humana, e comprehendendo:

- Romances, novelas e contos dos melhores auctores portuguezes e estrangeiros, cuidadosamente escolhidos;
- Narrativas de viagens, descrições geographicas, artigos de sciencia, tudo apresentado sob a forma mais amena e pittoresca;
- Artigos elucidativos sobre a geographia, a ethnographia, a vida social, politica e domestica em Portugal, sobre todas as manifestações da intelligencia portugueza, os nossos artistas, os nossos homens de letras, descrições interessantes dos nossos monumentos, das nossas industrias, das nossas paisagens, das nossas romarias, das nossas feiras, das nossas cidades, as nossas alegrias e as nossas tristezas;
- Monographias historicas, sempre revestindo uma forma anecdótica e laciva, especialmente referidas á fecunda e épica historia do nosso paiz;
- Uma secção de **Actualidades**, dando conta de todo o movimento social, litterario e artistico do mundo, subdividida por varios titulos, como: **Grandes topicos**, noticias dos grandes acontecimentos politicos e sociais que interessam a humanidade; **Vida na arte**, contendo a analyse summaria dos livros mais interessantes publicados entre nos e no estrangeiro, ideias do movimento theatral, com a critica succinta das mais notaveis peças, noticia das mais importantes obras de arte applicadas, exposições, galerias, etc.; **Vida na sciencia**, com informações sobre os inventos mais uteis, as descobertas mais curiosas, os factos scientificos e industriaes de maior monta; **Vida no sport**, noticias do movimento sportivo, yachting, automobilismo, tauromachia, atletismo, gymnastica, etc.; **Variedades**, miscellanea de noticias sobre todos os assumptos que não caibam nos titulos antecedentes, anedotas de interesse do momento, etc.;
- Uma secção denominada **Quebra-cabeças**, com problemas de indole scientifica, paradoxos interessantes, etc.;
- Artigos especiais sobre jogos, exercicios de differente natureza, assumptos de sport, etc.;
- Os **Serões das crianças**, contendo historietas para a infancia, cuidadosamente escolhidas nas collecções estrangeiras, em devidas á pena de escriptores nacionaes experimentados no genero.

2.º — Os **Serões das senhoras**, supplemento constante de 10 a 20 paginas, numeradas em separado, contendo:

Chronica geral de modas — Figurinos e modelos de vestidos, chapéus, etc., com a maneira mais economica e facil de os executar;



Uma **folha de moldes**, expressamente desenhada, para traje e roupas de senhoras e crianças, e ainda de homens, facilitando e simplifying o trabalho domestico;

Lavores femininos, explicação com desenho á Vista, de trabalhos de costura, bordado, renda, crochê, pintura, etc., todos os trabalhos caseiros infant, com a maneira mais simples e economica de os executar;

Chronica do movimento da sociedade portugueza, casas, mentes, baptizados, soirées, bailes, etc.;

Notas da dona de casa, receitas simples de culinaria, hygiene domestica, applicações de sciencia ao conforto e vida economica da familia, menus, etc.

Ainda para servir as suas leitoras, os **SERÕES** estão organizando uma agencia que se encarregará de comprar de toda a natureza, em Lisboa e do estrangeiro, sem retribuição alguma

3.º — A **Musica dos Serões**, outro supplemento de 4 a 8 paginas, com trechos facéis para piano, ou piano e canto, dos melhores compositores portuguezes e estrangeiros, ou reprodução dos mais bellos trechos de musica.

Desajando que os **Serões** sejam uma representação, quanto possível fiel, de todas as forças vivas da mentalidade portugueza, procuraremos a collaboração dos homens de maior nomeada entre nos, nas sciencias, nas letras e nas artes, e acolheremos com alvoroço toda a especie de collaboração que se nos offereça, contando nos, pelo interesse do assumpto e pela singularidade da linguagem, se possa adequar aos moldes em que planeamos o jornal. Iniciamos os nossos leitores e leitoras a fornecer-nos elementos do collaboração litteraria ou artistica, como por exemplo curiosidades locais, tradições, contos figurados, photographias curiosas, etc. etc., ainda que não estejam revestidos de forma litteraria, mas sejam apenas suggestões, ideias, lembranças sobre assumpto de geral interesse, etc.

Além d'isso, os **Serões** abrirão frequentemente concursos de litteratura, de arte, de photographia, de sciencia, etc.

Toda a collaboração accésta será paga.

Por este modo procuram os **Serões** corresponder á sua ambição, a de se tornar um agente efficaç e sincero do desenvolvimento nacional e a de promover o amor pela nossa terra e pela nossa arte e ensinar a apreciar o muito que temos de bom e interessante.

As difficuldades oppostas á reunião de todos os elementos materiaes e intellectuaes, indispensaveis para o consequimento do nosso plano, explicam a demora na publicação do 1.º numero, que só agora conseguimos apresentar, ao fim de mais de um anno de trabalho e de enormes sacrificios monetarios. Este numero representa já um progresso, mas ainda o reconhecemos susceptivel de aperfeiçoamentos que gradualmente tentaremos, e para os quaes contamos com o favor do publico do paiz e dos nossos irmãos espalhados pelas colonias, Brazil e estrangeiro, que nos **Serões** encontrarão a cada passo recordações illustradas da patria, que todos tanto devemos amar.

Em resumo, os **Serões** serão uma publicação indispensavel a todos que queiram saber o que se faz e o que se pensa em todos os ramos do saber humano e tenha uma leitura tão variada que todas as classes de leitores encontrarão em cada numero ou um conselho, ou um conhecimento, ou uma hora de leitura amena e honesta.

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO

CADA NUMERO dos **SERÕES** de 100 a 150 paginas, com 2 supplementos e de 100 a 200 illustrações, magnificamente impresso em papel couché

200 RÉIS AVULSO EM TODO O PAIZ

Para se avaliar do quanto é reduzido este preço, basta que se diga que cada numero dos **SERÕES** tem mais materia que a de um volume vulgar de 200 a 300 paginas formato 12-8.º

Cada anno formarão os **SERÕES** 2 volumes contendo

MAIS MATERIA QUE DOZE VOLUMES VULGARES DE FORMATO 12-8.º

Constando cada um 15200 réis em brochura e 15600 réis encadernado com caps de ferros especiais.

ASSIGNATURAS: (PAGAMENTO ADEANTADO)

Para Portugal, Ilhas, Colonias e Hespanha

Por anno (12 numeros), 2\$200 réis (Os assignaturas de um anno recebem assim em numero de gracos)

Por semestre (12 numeros), 1\$200 réis

Por trimestre (3 numeros), 600 réis

O preço de numero avulso no Brazil e estrangeiro será marcado pelos nossos correspondentes.

Para o Brazil

Por anno (12 numeros) moeda fraca, 12\$000 réis

Para o estrangeiro

Por anno (12 numeros), Frs. 15,00

Assigna-se em todas as livrarias e nas repartições do correio.

Redacção e administração: FERREIRA & OLIVEIRA L.ª EDITORES Livreiro da S. M. El-Rei Depositario das publicações do Estado

132, RUA AUREA, 135-LISBOA

PEDIR PROSPECTOS E SPECIMENS — ACCEITAM-SE AGENTES EM TODA A PARTE

A LIVRARIA FERREIRA recommenda-se para o fornecimento de toda a especie de livros portuguezes e estrangeiros, material de ensino, etc., etc.

Não se com solicitude todas as indicações bibliographicas e catalogos que nos sejam pedidos.

A saber do preço: BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA — 1.º numero — Distribuição mensal gratuita aos nossos clientes.